

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

THAIS STEFFANY DA SILVA MUNIZ

**ORIENTAÇÕES TERAPÊUTICAS OCUPACIONAIS PARA CUIDADORES DE CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO PROCESSAMENTO SENSORIAL: UMA PERSPECTIVA DE
TERAPEUTAS OCUPACIONAIS DA ÁREA INFANTIL**

**OCCUPATIONAL THERAPY GUIDELINES FOR CAREGIVERS OF CHILDREN WITH
SENSORY PROCESSING DISORDER: A PERSPECTIVE FROM OCCUPATIONAL
THERAPISTS IN THE CHILDREN'S AREA**

**ORIENTACIONES DE TERAPIA OCUPACIONAL PARA CUIDADORES DE NIÑOS CON
TRASTORNO DE PROCESAMIENTO SENSORIAL: UNA PERSPECTIVA DE LOS
TERAPEUTAS OCUPACIONALES INFANTILES**

**RECIFE
2023**

THAIS STEFFANY DA SILVA MUNIZ

**ORIENTAÇÕES TERAPÊUTICAS OCUPACIONAIS PARA CUIDADORES DE CRIANÇAS
COM TRANSTORNO NO PROCESSAMENTO SENSORIAL: UMA PERSPECTIVA DE
TERAPEUTAS OCUPACIONAIS DA ÁREA INFANTIL**

**OCCUPATIONAL THERAPY GUIDELINES FOR CAREGIVERS OF CHILDREN WITH
SENSORY PROCESSING DISORDER: A PERSPECTIVE FROM OCCUPATIONAL
THERAPISTS IN THE CHILDREN'S AREA**

**ORIENTACIONES DE TERAPIA OCUPACIONAL PARA CUIDADORES DE NIÑOS CON
TRASTORNO DE PROCESAMIENTO SENSORIAL: UNA PERSPECTIVA DE LOS
TERAPEUTAS OCUPACIONALES INFANTILES**

Artigo científico segundo as normas da Revista Research,
Society and Development, como exigência final para obtenção
do grau de Terapeuta Ocupacional, pelo Curso de Terapia
Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco

Orientadora: Prof^a Dra. Raquel Costa Albuquerque

**RECIFE
2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Muniz, Thais Steffany da Silva.

Orientações Terapêuticas Ocupacionais para Cuidadores de Crianças com Transtorno do Processamento Sensorial: Uma Perspectiva de Terapeutas Ocupacionais da Área Infantil / Thais Steffany da Silva Muniz. - Recife, 2023. 17 p., tab.

Orientador(a): Raquel Costa Albuquerque

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Terapia Ocupacional - Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Terapia Ocupacional. 2. Crianças. 3. Desenvolvimento Infantil. 4. Terapeutas Ocupacionais. I. Albuquerque, Raquel Costa. (Orientação). II. Título.

610 CDD (22.ed.)

OCCUPATIONAL THERAPY GUIDELINES FOR CAREGIVERS OF CHILDREN WITH SENSORY PROCESSING DISORDER: A PERSPECTIVE FROM OCCUPATIONAL THERAPISTS IN THE CHILDREN'S AREA

ORIENTAÇÕES TERAPÊUTICAS OCUPACIONAIS PARA CUIDADORES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO NO PROCESSAMENTO SENSORIAL: UMA PERSPECTIVA DE TERAPEUTAS OCUPACIONAIS DA ÁREA INFANTIL

ORIENTACIONES DE TERAPIA OCUPACIONAL PARA CUIDADORES DE NIÑOS CON TRASTORNO DE PROCESAMIENTO SENSORIAL: UNA PERSPECTIVA DE LOS TERAPEUTAS OCUPACIONALES INFANTILES

Thais Steffany da Silva Muniz

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4546-0480>

Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: thais.steffany@ufpe.br

Raquel Costa Albuquerque

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3359-7996>

Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: Raquel.albuquerque@ufpe.br

RESUMO

Quando há uma desordem no processamento sensorial, os prejuízos perpassam a limitação de experiências na participação e na realização de atividades. O terapeuta ocupacional deve avaliar para intervir apropriadamente nesses casos, oferecer orientações aos cuidadores, sendo elas específicas e/ou gerais, voltadas para a estimulação e essas orientações devem ser claras e simples, relacionando atividades cotidianas. O objetivo deste estudo é apresentar a concepção e percepção das orientações na prática do terapeuta ocupacional, voltada para cuidadores de crianças com dificuldades no processamento sensorial. Trata-se de um estudo de campo, exploratório, de natureza qualitativa, com amostragem por saturação, realizado de maneira virtual, no período de novembro a dezembro de 2022. Participaram da pesquisa, 7 terapeutas ocupacionais residentes em Pernambuco, que trabalham na área infantil e com Integração Sensorial. Todos participaram de uma entrevista semiestruturada online com a pesquisadora principal e logo em seguida os dados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo. Os participantes relataram que as orientações terapêuticas ocupacionais são importantes na prática profissional e há diversas formas de fazer o repasse delas para que os cuidadores as entendam e as executem. Esse trabalho pôde destacar a singularidade que é necessária para cada caso e contexto, além disso, trouxe reflexão para que a prática profissional seja acima de tudo, pensada na família e com a mesma, para que os benefícios sejam visualizados no dia a dia.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional; Crianças; Desenvolvimento Infantil; Terapeutas Ocupacionais.

When there is a disorder in sensory processing, the damage goes beyond the limitation of experiences in participating and carrying out activities. The occupational therapist must evaluate to intervene appropriately in these cases, offer guidance to caregivers, whether specific and/or general, aimed at stimulation, and these guidelines must be clear and simple, relating daily activities. The objective of this study is to present the conception and perception of guidelines in the practice of occupational therapists, aimed at caregivers of children with difficulties in sensory processing. This is a field study, exploratory, of a qualitative nature, with saturation sampling, carried out virtually, from November to December 2022. Seven occupational therapists residing in Pernambuco, who work in the children's area, participated in the research. and with Sensory Integration. All participated in an

online semi-structured interview with the main researcher and soon after the data were analyzed using the content analysis technique. Participants reported that occupational therapeutic guidelines are important in professional practice and there are several ways to pass them on so that caregivers understand and implement them. This work was able to highlight the uniqueness that is necessary for each case and context, in addition, it brought reflection so that professional practice is, above all, thought of and with the family, so that the benefits are visualized in everyday life.

Keywords: Occupational Therapy; Children; Child development; Occupational Therapists.

Cuando existe un trastorno en el procesamiento sensorial, el daño va más allá de la limitación de experiencias en la participación y realización de actividades. El terapeuta ocupacional debe evaluar para intervenir adecuadamente en estos casos, ofrecer orientaciones a los cuidadores, ya sean específicas y/o generales, encaminadas a la estimulación, y estas pautas deben ser claras y sencillas, relacionando las actividades cotidianas. El objetivo de este estudio es presentar la concepción y percepción de las directrices en la práctica de los terapeutas ocupacionales, dirigida a cuidadores de niños con dificultades en el procesamiento sensorial. Se trata de un estudio de campo, exploratorio, de carácter cualitativo, con muestreo por saturación, realizado virtualmente, de noviembre a diciembre de 2022. Participaron de la investigación siete terapeutas ocupacionales residentes en Pernambuco, que actúan en el área infantil y con Integración Sensorial. Todos participaron de una entrevista semiestructurada en línea con el investigador principal y luego los datos fueron analizados utilizando la técnica de análisis de contenido. Los participantes informaron que las pautas de terapia ocupacional son importantes en la práctica profesional y existen varias formas de transmitirlas para que los cuidadores las entiendan y las implementen. Este trabajo logró resaltar la singularidad que es necesaria para cada caso y contexto, además, trajo reflexión para que la práctica profesional sea, sobre todo, pensada en y con la familia, para que los beneficios se visualicen en el cotidiano.

Palabras llave: Terapia Ocupacional; Niños; Desarrollo infantil; Terapeutas ocupacionales.

1.INTRODUÇÃO

O processamento sensorial é a capacidade que o cérebro tem de receber, absorver e processar as sensações advindas do meio. Além de fazer a recepção dos estímulos, a modulação, a integração e a organização das informações, o processamento adequado permite capacidade de respostas comportamentais adaptativas às exigências do ambiente (Britto, Santos, Garros & Rocha., 2021).

Quando o Sistema Nervoso Central apresenta alteração em detectar, modular, interpretar ou responder ao fluxo de impulsos sensoriais, percebe-se um transtorno do processamento sensorial (TPS) e assim, os prejuízos perpassam a limitação de experiências na participação e na realização de atividades, pois afeta o desenvolvimento de habilidades, o controle postural, a coordenação motora, o desempenho nas ocupações e atividades diárias, repercute dificuldades no brincar, diminuição da atenção (Gonçalves, 2019; Shimizu, 2011), afeta o desenvolvimento e a aprendizagem e inclusive, altera a dinâmica familiar (Araújo, 2020). As áreas de desenvolvimento afetadas podem ser relacionadas ao contexto escolar, atividades de vida diária, o brincar, a participação social, dentre outras (Serrano, 2016). As sensações precisam ser processadas adequadamente para que haja melhor aprendizado (Serrano, 2016), mas quando há crianças que manifestam algum transtorno do processamento sensorial, ou seja, uma disfunção de integração sensorial (IS), elas podem ter problemas na sua rotina e em desempenhar papéis da infância (Buffone, 2019). Os impasses do TPS fazem com que as crianças apresentem maior dificuldade em desempenhar suas atividades diárias, quando comparadas àquelas sem essa disfunção, além de fazer com que a frequência e a satisfação sejam diminuídas na realização delas.

O Transtorno de Processamento Sensorial pode ser agrupado em: Transtornos motores de Base Sensorial, Transtornos de Discriminação Sensorial e Transtornos de Modulação Sensorial (Souza & Nunes, 2019). No Transtorno motores de base sensorial, é presente a dificuldade de integrar os estímulos e assim, impasses em utilizar e movimentar o corpo, no ambiente. O

Transtorno de Discriminação Sensorial é relacionado a dificuldade da precisão de discriminar o estímulo sentido, dessa forma, há mais dificuldades para interpretar com maior precisão, similaridades e disparidades de estímulos recebidos. Já o Transtorno de Modulação Sensorial se caracteriza pelo problema de regular o recebimento do estímulo, como também as respostas dadas, sendo essas respostas classificadas em hiper resposta, hipo resposta e procura sensorial (Almeida, 2020; Bacaro & Mori, 2020).

Jean Ayres, foi uma terapeuta ocupacional que estudou sobre a integração sensorial e definiu que esse é um processo de organização do corpo e do ambiente, para que haja respostas e comportamentos organizados (Magalhães, 2008). A abordagem de Integração Sensorial de Ayres, enfatiza a importância dos sistemas sensoriais (Araújo & Klaus) e é usada para tratamento de disfunções de integração sensorial (Andrade, 2020). Através dessa intervenção, técnicas sensoriais são utilizadas para melhoria no desempenho e participação de Atividades Diárias (Eloi, 2021).

A Terapia Ocupacional é uma profissão que tem o objetivo de preparar o sujeito para que seja participante nas suas atividades e se envolvam nas suas ocupações. O terapeuta ocupacional deve avaliar o funcionamento do processamento sensorial o mais cedo possível (Gonçalves, 2019), pois ao detectar disfunções de IS, pode-se intervir apropriadamente e favorecer o desenvolvimento infantil e consequentemente o desempenho ocupacional (Britto et al., 2021).

Os profissionais da Terapia Ocupacional, têm utilizado a intervenção em integração sensorial de Ayres (ISA), fazendo orientações, avaliação e intervenções. Dessa forma, atua em ISA com crianças que possuem alguma disfunção sensorial, em razão de serem restringidas da sua participação em atividades, por conta das dificuldades em envolver-se (Gonçalves, 2019).

Um dos objetivos da Integração Sensorial é obter um melhor processamento sensorial, maior coordenação motora, mais habilidades sensório-motoras, cognitivas, organizar as informações recebidas do meio externo e interno para respostas adaptativas adequadas ao estímulo (Cardoso & Blanco, 2019). Durante todo o processo de tratamento, é cabível instruir cuidadores sobre o perfil sensorial da criança e sua relação com o mundo e ações para que os mesmos consigam observar e fornecer auxílio às necessidades sensoriais dos seus filhos (Serrano, 2016).

A resolução 483, do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) disposta em 2017, determina que no campo da Integração Sensorial, é competência do terapeuta ocupacional oferecer orientações para os cuidadores, para que eles sejam encorajadores e ofertantes de experiência nos seus lares, com o intuito de fornecer condições para o desenvolvimento de competências em prol de habilidades necessárias para um bom desempenho nas ocupações (Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional [COFFITO], 2017).

Muitas famílias vivem em sofrimento com as dificuldades na desordem do processamento sensorial de suas crianças. Por isso, identificar e agir sobre os fatores que dificultam a participação ocupacional, pode auxiliar para uma melhor qualidade de vida familiar. Dessa forma, podem ser feitos ajustes nos ambientes ou nas atividades para auxiliar a participação da criança no seu contexto, habilitando os cuidadores a pensarem por si mesmo como podem facilitar o desempenho das atividades, ao fazer essas modificações (Serrano, 2016).

Silva, Santos, Ferreira e Andrade (2019), escreve baseado na perspectiva da política de saúde da criança, que a orientação é um aliado fundamental entre famílias e profissionais de saúde. O profissional terapeuta ocupacional orienta baseado nos papéis ocupacionais, considerando o que a criança e sua família precisam. Através das orientações a família pode se envolver no tratamento da criança, juntamente com a participação no processo terapêutico ocupacional (Araújo, Gonçalo & Cazeiro, 2018) e influenciar o tratamento através da estimulação (Matei, 2020).

Sendo assim, esse trabalho visa apresentar a concepção e percepção das orientações na prática do terapeuta ocupacional, voltada para cuidadores de crianças com Transtorno do Processamento Sensorial.

2.METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de campo, classificado como exploratório, de natureza qualitativa. A coleta de dados foi realizada de maneira virtual no período de novembro a dezembro de 2022. Foram incluídos na pesquisa terapeutas ocupacionais residentes

no estado de Pernambuco, que tenham a atuação clínica voltada para a área infantil e que na sua prática clínica utilizem a abordagem da Integração Sensorial de Ayres. Foram excluídos profissionais que não tinham redes sociais para realizar a comunicação e o convite para a pesquisa. A princípio, o Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional - 1ª Região (CREFITO 1), foi contactado para obtenção de listagem, sem dados pessoais de terapeutas ocupacionais residentes em Pernambuco. Foi recebida uma lista com aproximadamente 365 profissionais. Com cada nome da listagem, foi realizado um sorteio por um site da internet - sorteador.com.br. Ao ser sorteado um nome, esse profissional foi procurado através de aplicativos de redes sociais gratuitos - Instagram e Facebook - e foi enviado uma mensagem realizando o convite para a participação, tendo o prazo de 3 dias para confirmar ou não o seu envolvimento com a pesquisa. Caso o profissional não tivesse redes sociais, não aceitasse participar ou o prazo para a resposta de confirmação fosse extrapolado, era realizado outro sorteio para selecionar outro profissional. Sendo assim, ao total, foram realizados em média, 13 sorteios com 5 nomes em cada um deles, logo após cada sorteio, foi feita a pesquisa para encontrar os profissionais que estivessem dentro do critério de inclusão, que aceitassem participar e que enviassem a resposta no período de 3 dias. À medida que os terapeutas ocupacionais foram aceitando e realizando entrevista, ao perceber saturação nas respostas e o conteúdo proposto do artigo foi abarcado, os sorteios foram finalizados.

Os participantes que aceitaram, receberam por e-mail o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a orientação do anonimato na pesquisa. Após a assinatura do termo, foi agendado o dia disponível para uma reunião online de no máximo 1 hora foi marcado com a pesquisadora. Em seguida, a pesquisadora principal do estudo enviou para cada profissional o link da reunião em uma plataforma de videochamadas e utilizou da ferramenta de gravação de áudio da mesma. Foi realizada uma entrevista individual com cada participante utilizando-se de um roteiro semi-estruturado criado pela própria pesquisadora. Logo após, a pesquisadora transcreveu toda a conversa gravada, com a finalidade de analisar os dados, através da técnica de análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (1977), se define como: “Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo, mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (Bardin, 1977, p. 42).

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com seres humanos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (CCS/UFPE) sob o parecer nº 5.708.810. Além disso, os aspectos éticos exigidos na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde do Brasil referente a pesquisas com seres humanos foram atendidos durante toda pesquisa.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para caracterização dos terapeutas ocupacionais da pesquisa, foram realizadas algumas perguntas e constatou-se que 6 profissionais eram residentes na cidade de Recife, sendo apenas 1 da cidade de Vitória de Santo Antão. Eles têm idades que variam entre 29 a 58 anos e o tempo de atuação dos participantes entre 3 até 33 anos. Foram totalizados 7 profissionais na pesquisa, visto que houve saturação nas respostas. (Quadro 1)

Quadro 1 - Caracterização dos profissionais participantes do estudo

Terapeutas Ocupacionais (TO)	TO1	TO2	TO3	TO4	TO5	TO6	TO7
Cidade onde Reside	Recife	Recife	Recife	Recife	Recife	Recife	Vitória de Santo Antão
Tempo de atuação na profissão	11 anos	3 anos	9 anos	33 anos	5 anos	9 anos	7 anos
Idade	36 anos	29 anos	31 anos	58 anos	29 anos	32 anos	33 anos

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com a entrevista realizada com os profissionais e a análise do conteúdo, para melhor compreensão dos resultados, estes serão apresentados seguindo as categorias temáticas: “importância das orientações de Terapia Ocupacional”, “Participação dos cuidadores de crianças com Transtorno do Processamento Sensorial”, “A transmissão das orientações”, “Caracterização de orientações para estimular o desempenho ocupacional”.

IMPORTÂNCIA DAS ORIENTAÇÕES DE TERAPIA OCUPACIONAL

As orientações são estratégias utilizadas pelos terapeutas ocupacionais para dispor aos indivíduos melhor qualidade de suas vidas (Santos, Lousada, Rabelo & Macedo, 2018) pois as ações da Terapia Ocupacional objetivam promover maior facilitação e envolvimento nas ocupações das pessoas (Gomes, Teixeira & Ribeiro, 2021). Através das falas dos profissionais, pôde-se compreender, que oferecê-las são importantes na intervenção, pois o que for desenvolvido nas terapias será reforçado no cotidiano e assim propiciará maior aprendizado nos diferentes contextos no quais o indivíduo participa:

TO 2: “Eu acredito que a importância das orientações dentro da terapia ocupacional está ligada a gente ter a maior generalização do que está sendo trabalhado dentro das sessões com a criança [...] favorecer a generalização desse aprendizado.”

TO 3: “As orientações de TO são uma oportunidade para a criança levar, no caso, levar um pouquinho do que é feito no consultório da terapia para casa, né? De nada adianta ter uma terapia tão boa em consultório, uma terapia tão boa domiciliar, se a família não consegue perpetuar esses aprendizados. O aprendizado só é aprendizado quando há repetição”

TO 1: “A orientação, ela é matriz realmente do plano de intervenção da sua criança [...] o objetivo é dar continuidade ao que é proposto em setting terapêutico para facilitar o cotidiano dessa pessoa nos diversos espaços que ela ocupa.”

TO5: “As orientações vem auxiliar o que está sendo proposto na terapia [...] Então a criança começa a trazer evolução tanto na parte das ocupações quanto no social, comunicação ...”.

Os participantes da pesquisa comentaram que ao oferecer orientações aos cuidadores das crianças, os mesmos podem ser participantes ativos no processo, já que passam maior tempo com as crianças e vivenciam juntos em vários ambientes diferentes. Sendo assim, as orientações são norteadoras para potencializar resultados e favorecer rotinas.

TO 6: “Esse objetivo de a gente dar esse retorno pros pais é na expectativa mesmo de ter um resultado melhor, né?”

TO 7: “Eu acho que é muito importante as nossas orientações já que a gente se volta para atividades do dia a dia, atividades de vida diária, né? [...] dá um norte pra esses pais saberem o que realmente precisam fazer, o que não precisam, até onde cobrar, até onde não cobrar (...).”

TO 5: “Em ambiente terapêutico passamos pouco tempo. Então o que que a gente objetiva? É que as intervenções, elas se prolonguem no decorrer do dia da criança. Tanto para favorecer a acomodação sensorial, se caso tiver uma desregulação, quanto para promover essa participação nas atividades”.

TO 3: “É um pacto que a gente faz. Eu particularmente faço no primeiro atendimento, né? Na anamnese. Ali ainda. Se a família tem disponibilidade para fazer o tratamento em casa também, né? Se não levar pros seus pais, mas que seja alguém responsável pela criança. Porque ela precisa, né?”.

Há grande importância da orientação familiar, feita pelo terapeuta ocupacional em relação ao desenvolvimento infantil (Fonseca, Sant’Anna & Cardoso, 2018), pois dessa forma há compartilhamento do cuidado à criança e através das instruções fornecidas se percebe intervenções produtivas (Reina, 2021) e resultados mais eficazes de intervenção se dá através da participação da família (Marini & Della Barba, 2022). De acordo com os resultados coletados, as orientações são norteadoras para os cuidadores, para que eles compreendam o que não conseguiam entender no comportamento de seus filhos, com o objetivo de viabilizar mais saberes aos responsáveis:

TO 7: “Hoje em dia, às vezes os pais dizem: ‘ah eu procuro na internet o que é que era pra o meu filho estar fazendo agora porque eu não sei’. Então a nossa orientação meio que vem para dar um norte pra esses pais de: ‘o que é que meu filho tinha que estar fazendo? O que é que não? Como é que eu tenho que ajudar?’ Então eu vejo essa importância nas nossas orientações.”.

TO 2: “É de suma importância que os pais recebam essa orientação porque muitas vezes eles não entendem ‘Ah, por que que meu filho tem dificuldade de aceitar aquele alimento?’ [...]”.

Faz parte do processo de intervenção em Terapia Ocupacional ouvir, fazer orientações e fornecer auxílio para a família do indivíduo (Araújo et al, 2018). A intenção não é que os cuidadores virem co-terapeutas e sim que eles adquiram conhecimento e compreendam com mais clareza o comportamento e as demandas de cuidado da sua criança (Cavalcanti & Galvão, 2007). É a família que irá saber quais são as dificuldades enfrentadas rotineiramente, sendo assim, estes também se incluem na participação do tratamento da criança (Araújo et al, 2018).

PARTICIPAÇÃO DOS CUIDADORES NO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

A estimulação do desenvolvimento da criança deve ser realizada pelos cuidadores, juntamente com os profissionais (Matei, 2020). Contudo, existem vários fatores que podem dificultar a participação da família no processo de intervenção. Alguns cuidadores enfrentam falta de tempo para exercer as orientações por conta de alguns fatores como a dinâmica da rotina, falta de rede de apoio, a sobrecarga por cuidar integralmente do filho (Araújo et al, 2018) e os muitos papéis exercidos cotidianamente. Além desses, a situação financeira e cultural também pode influenciar a participação da família se tratando de realizar as orientações (Marini & Della Barba, 2022).

Os achados da literatura corroboram com a fala dos terapeutas ocupacionais entrevistados que relatam que as orientações que são fornecidas para os cuidadores, por diversas vezes não são cumpridas por vários motivos. O principal motivo relatado foi a sobrecarga da família ou do cuidador principal da criança, que é majoritariamente a mãe, e por ter muitas demandas e tarefas para cumprir, e consequentemente falta tempo para exercer o que foi repassado pelos profissionais, gerando cansaço e a postergação das orientações. Sendo assim, não há reforço do que está sendo estimulado nas terapias, em casa:

TO4: “Às vezes tem a família, o pai ajuda, mas às vezes o pai não ajuda, a mãe que tem que fazer tudo, né? Tem que tomar conta de casa, ou se não vai trabalhar, fazer alguma coisa [...]”.

TO5: “Muitas vezes os cuidadores, eles já têm uma rotina muito exaustiva e muito pesada. Então esses cuidados com algumas crianças, não são todas, eles são terceirizados. Então quem cuida é uma avó, quem cuida é uma babá, é uma tia... e aí o tratamento, ele fica mais focado na clínica.

TO6: “Tem que ver em questão dele ser cuidadoso. Esse cuidador só cuida da criança, se esse cuidador tem outras demandas, né? De casa... também dificulta pra eles botarem em prática. É questão de tempo, né?[...]”.

TO 7: "Eu acho que na maioria dos casos é a questão de tempo. Então, assim, a gente entende quanto profissional, né? [...] é muito corrido o nosso dia a dia, trabalho, estudo, enfim...E aí quando a gente chega no momento de: ‘eita! Não é um simples brincar com o meu filho. O brincar com ele tem que ser mais direcionado. Eu tenho que me dar mais pra ele’ [...]”.

TO1: “A primeira delas pelo que eu venho vendo hoje, é a sobrecarga desse cuidador [...] tem que dar conta da criança, da casa, do marido e dos outros filhos. Normalmente esse cuidador é a mãe, como uma mulher. Então, assim, sobrecarga é o principal aspecto, né?”

Algo importante a ser destacado é, corroborando com a literatura, o principal cuidador da criança é a mãe, pois em muitas famílias, a mulher é a principal responsável (Cruz, Santos, Silva, Reis & Silva, 2019) e por isso, pode apresentar mais estresses, afetando a saúde mental (Nobre & Souza, 2018). Apesar da sobrecarga e consequente falta de tempo serem apontados pelos entrevistados como principais fatores que dificultam a realização das orientações, há outras causas apontadas por alguns profissionais. De acordo com eles, determinados cuidadores podem apresentar dificuldades de realizar as orientações por conta de não suportar os estímulos sensoriais vislumbrados nas orientações por conta de hipersensibilidade ou hiposensibilidade aos estímulos sensoriais, outros se envolvem menos no processo de tratamento e ainda existem aqueles que possuem dificuldades de compreensão da importância, das implicações e dos benefícios de executar o que foi proposto, conforme relatos abaixo:

TO 3: “No geral eles relatam pra gente: ah, não estou conseguindo; estou trabalhando muito; foi uma semana de fechamento no meu trabalho; enfim... normalmente eles falam sim, sabe? Sobre suas angústias, sobre ‘não consigo fazer brincadeira com textura de sujar. Não dou conta disso. Eu tenho agonia, eu tenho TOC, eu tenho problema com limpeza’...enfim.

TO 7: "Infelizmente a gente encontra muitos desses...aqueles que não querem participar do processo. Ele só quer levar a criança e a criança sair pronta, né? Então é um fator também, que dificulta no seguimento das orientações, que tem uns que não querem entrar nesse processo com a gente [...]. Eu acho que também em alguns casos, a dificuldade da compreensão está presente. Porque eu tenho visto muito, que às vezes, eles não entendem o quanto essa dificuldade, de algum diagnóstico vai trazer pra o dia a dia [...] Ou então: ‘não consigo seguir porque tem outros familiares. Eles ficam julgando, olhando’[...] Então elas acabam passando por cima das nossas orientações e fazendo pela criança.

TO1: “Não saber lidar com o comportamento inadequado diante daquele estímulo[...]. A outra... é falta de interesse da família em executar... Dá trabalho trabalhar processamento sensorial, né? Não é todo mundo que se dispõe a fazer o que a gente faz, né? Da forma como a gente executa. É necessário o envolvimento do profissional e da pessoa que está ali com aquela criança.”

A TRANSMISSÃO DAS ORIENTAÇÕES TERAPÊUTICAS OCUPACIONAIS

Souza e Knobel (2019), trazem que a construção de materiais de orientações, podem nortear os profissionais no repasse verbal e essas orientações são elaboradas de acordo com evidência e o saber científico (Souza & Knobel, 2019). Na entrevista, além de verbalmente, os participantes trouxeram algumas outras maneiras de repassar as informações aos familiares, porém, é mais recorrente que as orientações sejam fornecidas de maneira verbal. Alguns profissionais trazem o relato de que suas orientações também são complementadas com materiais elaborados e entregues aos pais, como por exemplo orientações escritas e recursos visuais como fichas ou checklist para vislumbrar as etapas até chegar na meta. Também foram encontrados meios que auxiliam e fazem intermediação entre os terapeutas ocupacionais e os cuidadores como reuniões ou aplicativo de mensagens para esclarecimentos e considerações em prol da família e da criança. Os relatos abaixo confirmam:

TO4: “Essas orientações são escritas. Eu geralmente, tenho um papel, aí eu coloco, né? Orientações em casa. Primeiro fazer isso. Essas atividades. Três atividades. Eu só coloco três. Mais do que isso eu não coloco não. [...] Agora, realmente eu vou em cima, sabe? ‘consegui fazer isso? E esse aqui?’ Aí eu vou sempre perguntando.”

TO5: “Como é que a gente se prepara? Depois de uma intervenção é... elencamos algumas estratégias que a gente vê que funciona naquela criança, aquele adolescente, é... pra modulação sensorial e até pra trabalhar outras questões no dia a dia [...]”.

TO3: “Normalmente quando eu faço uma dieta sensorial que está dentro da nossa orientação, né? Que é basicamente a principal orientação que a gente dá, algo mais concreto. Porque toda terapia a gente dá um feedback de como foi a sessão e tudo que eles podem fazer em casa. Mas a dieta sensorial é algo escrito, documentado que eu faço com a família, né?”

TO6: “Quando tem crianças minhas que vem com a babá, aí eu faço um texto e mando pros pais, Sabe? Quando... Aí eu vou, faço reunião com os pais. Chamo pra vir presencialmente.”

TO1: "Vou estudar, vou ver qual é a orientação e preparo. Eu estudo, eu paro, eu vou ler. Tá tudo bem, eu vou ver a avaliação dessa criança: ‘então essa criança, ela apresentou isso e isso e isso’. Eu vejo... como é que eu posso te dizer? Eu observo características da criança. Observo o que ela dispõe em casa e como essa família, ela consegue. Vejo a queixa e elaboro meu material que muitas vezes pode ser visual, cartilha, pode ser uma conversa informal. A gente usa muito recurso do WhatsApp.”

TO2: “Como trabalho? Eu sempre faço [...] de acordo com o perfil da criança, como é que vai ser direcionado essas orientações... então, assim, dependendo da demanda, do contexto, se vai ser necessário fazer o uso de ficha visual: então a criança que tem dificuldade na linguagem. E aí a gente vai direcionar, também. Tem dificuldade no sequenciamento das etapas: uso de pistas visuais... oferecendo também esses modelos lúdicos dentro do contexto da intervenção e também no ambiente de casa, né? E aí varia muito dependendo da atividade, né? De qual vai ser a ocupação que vai ser trabalhada.”

TO7: "Sempre que eu atendo, no final do atendimento, eu sempre falo com os pais, digo o que foi que eu fiz. E ó, ‘eu percebo que ele ainda está na dificuldade de tirar a roupa. Então como é que a gente já vai cobrar o banho se ele ainda não está nem tirando a roupa, nem colocando?’. Então eu saio fazendo com eles... eu meio que faço um checklist. ‘Ó, a gente vai trabalhar tudo isso aqui. Ele ainda está nesse passo. Como é que a gente vai ajudar ele depois que ele atingir

esse? A gente vai atingir o outro’. Então eu sempre tento fazer um esqueminha com os pais pra que eles possam meio que visualizar.[...] A gente escreve, a gente faz cartilha, às vezes a gente faz num papel [...] Justamente porque se a gente for falar assim, muito no amplo, numa conversa, às vezes, eles não vão absorver. Então eu vejo que é muito importante a gente também escrever. E de uma forma simples. Então como é que eu faço para os pais? Eu saio da linguagem técnica da gente e eu deixo numa linguagem que qualquer pessoa possa ler. [...]”

Ao utilizar de diferentes meios de transmissão no processo terapêutico de orientação, além de tornar os familiares implicados no tratamento, a família pode ter acesso fácil às orientações, ter entendimento sobre o que se passa e sanar suas dúvidas (Lima, 2021). Um dos participantes, traz a dieta sensorial, que tem a Integração Sensorial como base, como uma forma de orientação na sua prática. É uma intervenção que é realizada em concordância com as terapias (Souza, 2020) e refere-se a um programa de orientações centradas nas necessidades sensoriais da criança e sua execução fornece auxílio para que haja respostas organizadas e adequadas aos estímulos, além de permitir participação de forma ativa nas atividades (Cerruda, Cogliati, Vezano & Moler, 2020)

É importante orientar os sujeitos de acordo com seus contextos, pois se os profissionais orientarem de uma maneira não apropriada ao cotidiano familiar do indivíduo, a família tende a se distanciar do processo de intervenção (Jurdi & Silva, 2021). A rede social e o contexto no qual a família está inserida, podem ser facilitadores ou barreiras para efetiva participação (Allen, Knott, Brason & Lane). Quando orientadas, existem ainda aquelas que não sabem lidar muito bem com as dificuldades das suas crianças e acabam por não realizar atividades cotidianas que auxiliem no desenvolvimento infantil, porém, isso também é responsabilidade da família e os profissionais podem ajudar estando junto desses cuidadores (Jurdi & Silva, 2021). Por isso, orientações para os cuidadores devem ser claras e simples, relacionando atividades no dia a dia, que sejam divertidas e acentuem as potencialidades da criança (Lopes, Kato & Corrêa, 2002).

CARACTERIZAÇÃO DE ORIENTAÇÕES PARA ESTIMULAR O DESEMPENHO OCUPACIONAL

Há demandas de cuidados diferentes e específicas para cada cuidador, com ações que podem ser mais abrangentes e gerais, voltadas para a promoção de estímulos (Martinez, Joaquim, Oliveira & Santos, 2007) e algumas delas é destinada às adaptações que podem facilitar a rotina familiar (Lopes, Kato & Corrêa, 2002). De acordo com os profissionais entrevistados, a maioria dos cuidadores de crianças que apresentam alguma disfunção no processamento sensorial, chegam aos serviços de Terapia Ocupacional, atualmente, com demandas diversas voltadas para a participação nas ocupações de suas crianças relacionadas: Ao brincar funcional, às Atividades de Vida Diária, à Alimentação, à socialização e às vezes ao sono e ao desfralde. Um dos entrevistados trazem o relato da queixa da área da educação (vida escolar) e outro fala sobre agitação psicomotora da criança, porém esse é um fator que prejudica todas as ocupações da criança:

TO7: “Então, está naquele ‘boom’ da seletividade alimentar. Eles têm trazido muitas queixas sobre as dificuldades alimentares e o desfralde. Algumas ficam até assim em relação ao banho, a roupa, às vezes[...].”

TO2: “Se eu for listar, assim, os top cinco de dificuldades: Alimentação; às vezes, tem o uso do vaso, desfralde... A gente tem muito brincar... muito mesmo. Em alguns outros, em alguns fatos, a gente tem a questão do sono [...] Muitas vezes, o processo de inclusão da escola. E como que a criança tem essa dificuldade, mas não sabe como proceder, recebe as queixas da escola. Quando direciona pra gente, a gente vai... é... tentar fazer uma reunião com a escola, né? Pra poder conseguir orientar sobre estratégia sensorial e escolar que aquela criança precisa pra favorecer esse processo de participação e inclusão social.”

TO6: “Quem fica realmente é o cuidador e traz realmente é... o que realmente acontece no dia a dia.”

TO5: “O que mais os pais, eles trazem, é a dificuldade que envolve agitação psicomotora. Então: ‘ah, Mas meu filho, ele não pára um minuto pra comer, então ele come correndo. Ele não para nessa sala de aula, está sempre em movimento...’. Então, assim, a questão principal é a agitação. É dificuldade em cortar a unha, cortar cabelo... Dificuldade em lavar a cabeça [...] Tem a dificuldade também da criança não saber brincar. Então: ‘não sabe brincar, meu filho’. Então, é uma das questões que chega. É isso. ‘Ele não sabia brincar, tem interesse por nada, é... não olha pra mim, não conversa comigo, e a fala’. Então, essas são as queixas principais que chegam no consultório”.

As crianças podem não se engajar adequadamente nas ocupações e ter suas capacidades prejudicadas, caso haja uma disfunção no processamento sensorial (Barros & Barba, 2021). Além disso, ainda há a influência de cultura e contexto em que se estão inseridas no repertório das ocupações (Almeida, 2016). As ocupações da infância são todos os feitos realizados pelas mesmas na sua trajetória de amadurecimento (Folha & Barba, 2020) e a realização e participação dessas ocupações são importantes para que a criança adquira habilidades, dê significados e viva momentos compartilhados e conseqüentemente, seu desenvolvimento seja auxiliado (Folha & Barba, 2022).

As queixas trazidas pelos cuidadores e relatadas pelos profissionais, estão relacionadas com o domínio da Terapia Ocupacional (Gomes et al, 2021). Foram encontrados nas falas de três terapeutas ocupacionais o destaque que orientações para cuidadores de crianças com Transtorno do processamento sensorial, são individualizadas, não podendo generalizar cada caso. Para cada criança, são repassadas orientações específicas:

TO7: “Não tenho como te dizer aqui como é uma orientação porque realmente é muito individual pra cada um, mas é muito assim: eu faço essa avaliação e eu vejo é... ‘Ah, essa criança está com dificuldade sensorial Tátil...’ E aí, eu vou lá e coloco uma orientação dependendo de como seja. [...] então, realmente é muito individual pra cada objetivo das nossas crianças que a gente vai fazendo, e a gente faz uma avaliação pra entender qual é a dificuldade [...] Por isso que é aquilo: Não é uma receita de bolo porque cada indivíduo, né? Vai ter sua dificuldade”

TO2: “Depende muito mesmo da faixa etária e do perfil da criança, tá? Da criança. Então tem uma criança que ela é muito sensível, né? Já pensando num quadro - criança sensível - eu vou dar algumas orientações específicas que tá dentro desse perfil. Então a criança, que ela tem um baixo nível de alerta, né? De atividade... Então ela é muito hipoativa... Ela tem essa dificuldade de se engajar nas atividades diárias, precisa dessa supervisão[...] começa com ajuda parcial, depois disso, a criança termina fazendo com ajuda física, dá um modelo visual pra ela, né? E aí vai direcionando. Mas eu acho que, assim, mesmo sendo orientação geral, a gente foca no perfil. a gente foca na faixa etária e no que é esperado pra essa criança”.

TO4: "O livro é uma coisa, mas no dia a dia a gente sabe quem são as crianças. São todas diferentes. Não tem um igual. Tem nenhum igual não, é tudo diferente, é feito a gente, né? Todo mundo diferente. Imagina aquela criança com dificuldades.”

Mas sabendo que uma das formas de atuação da Terapia Ocupacional é na estimulação, objetivando que a criança interaja e participe com pessoas e objetos, nas ações (Fernandes, Santos, Morato, 2018), os participantes apresentaram a caracterização de algumas estratégias voltadas para público geral infantil, de acordo com algumas das ocupações do Enquadramento da Prática de Terapia Ocupacional: Domínio e Processo (Gomes et al, 2021), que podem estimular e ajudar no desenvolvimento da criança. A literatura também traz, em alguns casos, a caracterização da intervenção terapêutica ocupacional em contextos gerais, sendo um corroborado para as falas dos participantes.

As atividades de Vida Diária (AVD), são aquelas voltadas para o cuidado de si mesmo e seu próprio corpo (Ferreira, 2022) e são necessárias para que o indivíduo mantenha sua rotina. Por isso, o terapeuta ocupacional atua no treino dessas atividades, objetivando autonomia do sujeito (Garros, Barion, Santos & Rocha, 2019). O transtorno no processamento sensorial, em geral, pode trazer impasses como problemas na alimentação (Stitik, 2019). Nessa perspectiva, na Terapia Ocupacional, as técnicas e métodos apropriados são utilizados para auxiliar na melhoria das dificuldades alimentares e promover o desempenho na alimentação, que é uma atividade de vida diária (Carpenter & Garfinkel, 2021).

O terapeuta ocupacional também deve incluir a família no processo da intervenção alimentar e orientá-los quanto às dificuldades. Uma característica comum é a defensividade tátil que pode afetar as refeições infantis, por conta dos estímulos táteis processados de forma inadequada, levando a criança a não se alimentar de alimentos específicos ou grupos alimentares, nas suas refeições e a ter uma dieta restrita (Barrientos, Badajos, Bucog, Mauro, Bulan, 2023). Apesar de ser comum crianças em geral fazerem rejeição de alimentos, os responsáveis devem receber orientações para que forneçam as refeições prazerosamente, em pouca quantidade, em horários específicos e fazer ser um momento feliz (Lima, Cerqueira, Lopes & Gomes, 2023).

Terapeutas ocupacionais podem orientar de maneira geral a questão da independência na alimentação, além de seu contato de forma prazerosa com os alimentos. Por isso, o lúdico também deve estar bem presente conforme falas dos entrevistados:

TO6: “[...] também a questão de abrir geladeira, de pegar alguma fruta... Então, também nessa questão da... do preparo mesmo, né? De alguma refeição, dele solicitar essas coisas... também faço essas orientações.”

TO1: “Relação à alimentação na primeira infância, o que a gente orienta, né? [...] A gente orienta deixar a criança explorar o máximo que ela conseguir [...] variedade de alimentos, variedades de forma de apresentar, é outra... outra orientação que eu dou na alimentação. Eu dou a orientação de cantinho da alimentação. Então, assim, é um cadeirão, é a cadeira ou é na mesa, né? Pra que a gente tenha essa... essa rotina. Também orientação em relação ao uso dos talheres adaptados, né? Adequados... Alimentação também é... Ah! Tem uma orientação assim, clássica que é a aproximação gradual [...] usar e abusar do lúdico nesse momento.”

TO2: “[...] Então o pai chega com a demanda, vamos dizer, por exemplo, a alimentação: ‘A criança possui uma dificuldade na alimentação por conta da aceitação de novos alimentos’ [...] E aí, a gente orienta os pais, por exemplo, a forma de apresentar aquele alimento, né? A graduação no tamanho daquele alimento... A gente vai direcionando de acordo com a demanda.”

O sono também faz parte do domínio da Terapia Ocupacional, sendo suas subdivisões, preparação do sono, descanso e participação no sono (Gomes et al, 2021). Nas práticas e orientações de terapeutas ocupacionais nessa área, os profissionais podem utilizar de modificação ambiente e de rotina noturna, fazer higiene do sono e até oferecer estratégias sensoriais como massagens de toque de pressão profunda (Spira, 2021). Algumas crianças não apresentam queixas no sono, por tomar medicamentos, mas quando há alguma dificuldade nessa ocupação, os terapeutas ocupacionais seguem orientando sobre a preparação do sono como diminuir luzes, exposição a telas, fazer esse momento uma rotina:

TO6: “Na parte do sono... é... a maioria toma remédio, né? Então esse sono, às vezes, já vem organizado pela neuro, pelo psiquiatra, pelo outros profissionais, sabe? Mas, em questão, eu... eu oriento a questão dele ter o espaçozinho dele, não ter esse ‘dormir com os pais’. Eu oriento mais nessa logística, né? Do que propriamente dito no sono em si.”

TO1: “É... pra descanso e sono, as clássicas que eu costumo utilizar são higiene do sono, que é: diminuir as luzes, diminuir os ruídos... Zero exposição de telas antes de dormir, né? [...] E outra coisa: e que isso seja um ritual. Que isso tenha uma rotina todo dia, né?”

TO2: “A gente orienta a rotina de higiene do sono, também, né? Principalmente para as crianças que têm uma disfunção... por exemplo, adequação... o preparo do ambiente antes de dormir. [...] um dos genitores tem uma televisão no quarto, às vezes a criança dorme num quarto que é assim: dorme os pais e o irmão. Às vezes é cama compartilhada... Acaba interferindo na rotina geral da criança... da família”

TO4: “O horário pra dormir, de se organizar... às vezes é ‘ah, o meu só dorme de onze e meia’. Eu digo, ‘me diga uma coisa, uma criança de dois anos dorme às onze e meia?’ Não [...] não, a gente vai começar a trabalhar o horário que vai dormir[...].”

Outra ocupação, comentada pelos profissionais, foi o brincar, que é típico da infância e as estratégias de intervenção terapêutica ocupacional envolvem mais que a ludicidade natural das crianças. As crianças devem ser estimuladas a fazer manipulação de objetos e brinquedos para que descubram, aprendam, deem novas funções através da interação ativa (Reis, Santos, Barata & Falcão, 2018). Brincadeiras e Atividades de Vida Diária (AVD) podem ser estimuladas em conjunto, trazendo aprendizagem, ou seja, as AVD podem ser reproduzidas nas brincadeiras infantis. Também é importante que sejam oferecidas brincadeiras de imitação para que o repertório do brincar seja aumentado (Joaquim & Silva, 2018). As orientações dadas para o contexto geral envolvem muito o brincar compartilhado, a ida a um parque e a participação dos responsáveis no brincar para que sejam ensinadas e estimuladas várias habilidades e consequentemente, através disso, a criança adquira aprendizado. Além disso, há orientações para diminuir estímulos das brincadeiras e até usar brincadeiras que utilize força, para regulação. Algumas estratégias são citadas nas falas abaixo:

TO3: “Eu sempre falo sobre brincar compartilhado, sobre o brincar com a família, sobre a interação entre os pais e os filhos, entre as irmãs, né? [...] Então uma primeira estratégia, a principal é essa: ‘retira o celular e vá brincar com o filho’. Brincar de quê? Ah, é brincar de qualquer coisa, brincar do que ele gosta, brincar do que ele não gosta, brincar ensinando regras, brincar ensinando os limites, brincar ensinando minha vez a sua vez, né? [...] Brincar de reorganizar os móveis da casa: ‘Filho vem cá empurra aqui, puxa aqui, pega isso aqui que é pesado... Que é pesado.’ Por exemplo, né? ‘Pega isso aqui e bota lá do outro lado. Vamos organizar a casa que essa casa está muito bagunçada. Me ajuda, né?’. Isso trabalha tanto o senso de colaboração da criança com a família, mas também os níveis de regulação sensorial, né? Eu peço muito pra ir pro parquinho [...].”

TO7: “Eu sempre uso pista visual. Eu sempre passo pista visual para os pais. Previsibilidade. Eles brincarem de forma lúdica sobre aquela AVD. Então a gente vai trabalhar o banho... ‘Vamos fazer um banho na boneca, vamos fazer uma pintura sobre o banho...’ e aí, eu sempre faço essas questões de: quais são os materiais utilizados nesse banho, através de desenhos, de colagem, com massinha e a gente brinca com o boneco, e aí, eu passo isso para os pais.”

TO5: “No brincar, a gente sempre foca que tenha menos estímulos possíveis naquele contexto, menos brinquedos, porque se deixar muita coisa solta no ambiente, a criança vai mexer em tudo e não vai brincar com nada. Então não vai ser um brincar funcional. Então a orientação geral seria essa redução de estímulos no local do ambiente; Brincar junto, mas sempre no nível de permissividade da criança para que ele não fuja daquela brincadeira e torne-se algo muito mais

chato para ele, mais demandado; a comunicação, né? que ela tem que ser efetiva... então a comunicação funcional para iniciar, essa questão de fazer pedidos, da socialização, desse contato visual... E sempre voltar-se pra o que a criança gosta[...]. Então, sempre assim, eu peço para o cuidador brincar com essa criança mas... e aí o brincar ele vai envolver tanto no banho, quanto na alimentação, tanto quando for pro desfralde. Tudo que for envolvido ou envolvendo as ocupações elas vão iniciar pelo brincar. E aí o geral é esse, é estimular o brincar da criança”

TO4: "Geralmente eu peço... geralmente, de vinte a trinta minutos, que a mãe, o pai ou avó, que sente pra poder brincar, adulto e criança... Adulto e criança. É uma das coisas mais importantes [...].”

As estratégias de orientação podem diminuir o estresse dos familiares/cuidadores e as crianças podem ter melhorias em comportamento, habilidades e competências (Allen, et al, 2021). Os responsáveis adquirem mais confiança, conhecimento e a criança tem mais participação na rotina (Schoen, Miller, Camarata & Valdez, 2019).

4.CONCLUSÃO

Por meio desse estudo, pôde-se compreender que a Terapia Ocupacional, por ser uma profissão que proporciona autonomia e mais qualidade de vida, as intervenções perpassam os métodos e as sessões, para os diversos contextos em que a criança está inserida. Por isso, os profissionais terapeutas ocupacionais também atuam através das orientações direcionadas às famílias de cada criança. Através das orientações, as habilidades estimuladas em contexto clínico, devem ser reforçadas no ambiente natural de cada indivíduo, que apesar das barreiras e dos facilitadores, o reforço proporcionará para as famílias oportunidade de melhoria de rotina e de relação entre eles.

Os resultados obtidos através dessa pesquisa, mostraram que as orientações terapêuticas ocupacionais são importantes na prática profissional e auxiliam nas intervenções em Terapia Ocupacional ao favorecer que resultados sejam vislumbrados mais rapidamente, e a generalização das habilidades adquiridas para outros contextos em que a criança está inserida. As orientações para cuidadores de crianças com Transtorno do processamento sensorial, são mais específicas, se comparada a orientações de outras demandas, e são norteadoras em como os responsáveis podem estimular seus filhos, modificar tarefas ou ambientes, cobrar demandas que sejam adequadas para cada contexto e lidar com as dificuldades vivenciadas na rotina da família. Além disso, ao fornecer instruções pertinentes e explicativas, oportuniza-se cuidadores a entenderem o comportamento e ações da sua criança e diminuir suas próprias ansiedades.

Os terapeutas ocupacionais podem orientar e auxiliar ocupações infantis, visto que, ao não dar conta de estímulos sensoriais, a criança pode não conseguir se engajar adequadamente nas atividades que envolvem suas ocupações. Isso traz prejuízos não só para seu desenvolvimento, bem como para a vida familiar. O estudo mostrou que, as queixas para intervenção em Terapia Ocupacional, mais buscadas pelos cuidadores de crianças com Transtorno do Processamento Sensorial são principalmente demandas sobre as Atividades de Vida Diária - Alimentação, Brincar, e Socialização, e às vezes aparecem queixas de sono e vida escolar. Ao realizarem intervenção terapêutica ocupacional, os profissionais buscam fornecer orientações, de acordo com cada caso e cada contexto. Sendo assim, além de orientarem de forma verbal, sendo essa a mais comum, eles orientam através de criação de cartilhas, documentos, pistas visuais ou dietas sensoriais, por meio eletrônico ou em reuniões presenciais. Dessa forma, orientam numa linguagem clara e acessível para cada especificidade das famílias.

As orientações gerais de Terapia Ocupacional, para estimular o desenvolvimento infantil geral, abrange explorar o lúdico através das ocupações, oferecer ambiente adequado e o brincar junto e muitas outras instruções que podem contribuir no engajamento das crianças e nas relações familiares. Notou-se que a participação ativa dos responsáveis no tratamento é essencial na intervenção terapêutica ocupacional, ainda que existam casos nos quais familiares enfrentam diferentes tipos de entraves para a continuidade das estimulações, desde barreiras cognitivas de compreensão, até disponibilidade de recursos e tempo. Por isso,

ao fornecer direcionamentos voltados para cada criança, os contextos devem ser levados em consideração, visto que há famílias diferentes, com rotinas diferentes e do mesmo jeito cada criança tem suas diferenças.

Sendo assim, esse estudo levou a compreensão mais profunda e ao entendimento da caracterização das orientações terapêuticas ocupacionais e como suas execuções implicam no tratamento de Terapia Ocupacional e no desenvolvimento da criança. Pôde-se destacar a singularidade que é necessária para cada caso e contexto, além disso, traz reflexão para que a prática profissional seja acima de tudo, pensada na família e com a mesma, para que os benefícios sejam visualizados no dia a dia.

REFERÊNCIAS

- Allen, S., Knott, F. J., Branson, A., & Lane, S. J. (2021). Coaching parents of children with sensory integration difficulties: a scoping review. *Occupational Therapy International*, 2021.
- Almeida, B. F. P. (2020). Autismo, seletividade alimentar e transtorno do processamento sensorial: revisão de literatura (Monografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte)
- Almeida, C. P. D. (2016). Influência do contexto no repertório de ocupações: uma comparação entre crianças brasileiras e canadenses (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília, Brasília - DF).
- Andrade, M. M. A. D. (2020). Análise da influência da abordagem de integração sensorial de Ayres® na participação escolar de alunos com transtorno do espectro autista.
- Araújo, A. P. (2020). Processamento Sensorial na Intervenção Precoce: Contributos de Profissionais de Terapia Ocupacional da Zona Norte de Portugal (Dissertação de doutorado, Universidade do Minho (Portugal).
- Araujo, D. L. S., & Klauss, J. (2022). Os benefícios da terapia de integração sensorial no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista: revisão integrativa de literatura.
- Araújo, P. M. de, Gonçalo, T. P., & Cazeiro, A. P. M. (2018). Participação da família no tratamento terapêutico ocupacional da criança com paralisia cerebral. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, 29(3), 254-262.
- Bacaro, P.E.F, & Mori, N. N. R. (2020). Transtorno de processamento sensorial e os prejuízos no processo de aprendizagem de alunos com transtornos do espectro autista: Um recado para os professores. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento* , 9 (11), e62691110314-e62691110314.
- BARDIN, L. (1977). Tradução de Luis Antero Neto e Augusto Pinheiro. *Análise de conteúdo*, São Paulo, Brasil: Editora Persona.
- Barrientos, B. A. V., Badajos, A. F. T., Bucog, E. F. M., Mauro, R. V. C., & Bulan, P. M. P. (2023). Mealtime Experiences of Children with Autism Spectrum Disorder from the Perspectives of Filipino Occupational Therapists in Cebu: Implications for Practice. *Internet Journal of Allied Health Sciences and Practice*, 21(1), 2.
- Barros, V. de M., & Della Barba, P. C. de S. (2021). Correlación entre el procesamiento sensorial y el compromiso de los niños en las rutinas de educación infantil desde la perspectiva del profesor. *Revista Chilena De Terapia Ocupacional*, 22(2), 147–157.
- Britto, L. B., Santos, C. B. dos., Garros, D. dos S. C., & Rocha, A. N. D. C. . (2020). Processamento sensorial e oportunidades para o desenvolvimento de bebês. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, 31(1-3), 9-16.
- Buffone, F. R. R. C. (2020). Processamento sensorial e coordenação motora de crianças com e sem transtorno do processamento auditivo central (Dissertação de Doutorado, Universidade de São Paulo, SP).
- Cavalcanti, A., & Galvão, C. (2007). Terapia Ocupacional: fundamentação e prática. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.
- Cardoso, N. R., & Blanco, M. B. (2019). Terapia de Integração Sensorial e o Transtorno do Espectro Autista: Uma revisão sistemática de literatura. *Revista Conhecimento Online*, 1, 108-125.
- Carpenter, K., & Garfinkel, M. (2021). Home and Parent Training Strategies for Pediatric Feeding Disorders: The Caregivers' Perspective. *The Open Journal of Occupational Therapy*, 9(1), 1-21.
- Cerruda, J.; Cogliati, V.; Venzano, D. G. y Moler, M. (2020). Confección de dietas sensoriales dirigidas a niños con desorden en el procesamiento sensorial y su utilización por terapeutas ocupacionales en la actualidad en Gran Buenos Aires. (Trabajo Final de Investigación, Universidad Nacional de San Martín. Instituto de Ciencias de la Rehabilitación y el Movimiento).
- CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. Resolução n. 483. Reconhece a utilização da abordagem de Integração Sensorial como recurso terapêutico da Terapia Ocupacional e dá outras providências. *Diário Oficial da União, Brasília*, DF, 3 jul. 2017. Seção 1, p. 79-80
- Cruz, T. A. R. D., Santos, E. M. D. S., Silva, F. C. D., Reis, M. C. D. S., & Silva, Â. C. D. D. (2019). Perfil sociodemográfico e participação paterna nos cuidados diários de crianças com microcefalia. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27, 602-614.
- Eloi, D. S. (2020). Efeitos da terapia de integração sensorial de Ayres nas atividades de vida diária e participação de criança com transtorno do espectro do autismo: estudo de caso.

- Fernandes, A. D. S. A., Santos, J. F., & Morato, G. G. (2018). A criança com transtorno do espectro autista (TEA): um estudo de caso da intervenção da Terapia Ocupacional a partir da teoria bioecológica do desenvolvimento humano. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 29(2), 187-194.
- Ferreira, R. F. A. (2022). Intervenções para ganho de independência em atividades de vida diária para indivíduos com mielomeningocele: proposta de adaptação de um programa para serviço de reabilitação ambulatorial.
- Folha, D. R. S. C., & Della Barba, P. C. S. (2020). Produção de conhecimento sobre terapia ocupacional e ocupações infantis: uma revisão de literatura. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(1), 227-245.
- Folha, D. R. S. C., & Barba, P. C. S. D. (2022). Classificação da participação de crianças em ocupações nos contextos escolares na perspectiva da terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, e2907.
- Fonseca, S. P. D., Sant'Anna, M. M. M., Cardoso, P. T., & Tedesco, S. A. (2018). Detalhamento e reflexões sobre a terapia ocupacional no processo de inclusão escolar. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 26, 381-397.
- Garros, D. D. S. C., Barion, M. A., dos Santos, C. B., & Rocha, A. N. D. C. (2019). Destreza Manual e a Capacidade de Desempenho nas Atividades de Vida Diária em Idosos Institucionalizados. *Temas em Saúde*, 16(6), 291-305.
- Gonçalves, M. R. D. S. (2019). Processamento sensorial e participação ocupacional (Dissertação, Escola Superior de Saúde do Alcoitão [ESSA], Lisboa).
- Gomes, M. D., Teixeira, L., & Ribeiro, J. (2021). Enquadramento da Prática da Terapia Ocupacional: Domínio & Processo 4ª Edição.
- Joaquim, R. H. V. T., da Silva, F. R., & Lourenço, G. F. (2018). O faz de conta e as brincadeiras como estratégia de intervenção para uma criança com atraso no desenvolvimento infantil/The make-believe and games as an intervention strategy for an infant with delay in child development. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 26(1), 63-71.
- Jurdi, A. P., & Silva, C. C. B. (2021). O brincar no cotidiano familiar de crianças com transtorno do espectro autista. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 4(5), 549-562.
- Lima, A. B., Cerqueira, C. A. D., Lopes, D. L. L. R., & Gomes, L. Á. C. R. (2023). Seletividade Alimentar em Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Um Relato de Caso. *Revista PsiPro/PsiPro Journal*, 2 (1), 88-102.
- LIMA, A. P. (2021). Cartilha sobre o diagnóstico precoce do TEA: uma proposta para os profissionais da atenção básica.(Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá)
- Lopes, G. B., Kato, L. S., & Corrêa, P. R. C. (2002). Os pais da criança com deficiência: reflexões acerca da orientação em reabilitação motora. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 4(2), 67-72.
- Magalhães, LC. Integração Sensorial: uma abordagem específica da Terapia Ocupacional (2008). In: Drummond AF; Rezende MB. Intervenções da Terapia Ocupacional. Belo Horizonte: Editora UFMG; . 46- 69.
- Marini, B. P. R., & Della Barba, P. C. D. S. (2022). A participação familiar em programas de intervenção precoce. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 10(1), 68-76.
- Martinez, CMS, Joaquim, RHVT, Oliveira, EB, & Santos, IC (2007). Suporte informacional como elemento para orientação de pais de pré-termo: um guia para o serviço de acompanhamento do desenvolvimento no primeiro ano de vida. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, 11, 73-81.
- Matei, R. M. P. (2020). Uma perspectiva multiprofissional acerca da participação dos pais na detecção precoce do diagnóstico e no prognóstico de crianças com TEA. *Psicologia-Tubarão*, 1-30.
- Nobre, D. D. S., & Souza, A. M. D. (2018). Vivências de pais e/ou cuidadores de crianças com autismo em um serviço de plantão psicológico. *Revista Baiana de Enfermagem (Online)*.
- Reina, A. G. N (2021). *Facilitación funcional para mejorar el estilo de vida de las personas con autismo, mediante la intervención de terapia ocupacional a través del entrenamiento de las actividades de la vida diaria* (Bachelor's thesis, Quito: UCE).
- Santos J. C. M.; Lousada M. L. S. ; Rabelo A. R. M. ; Macedo S. C. S (2018). Orientações terapêuticas ocupacionais nos leitos de retaguarda/Occupational therapist guidelines in the recovery beds. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO*, 2(3), 542-554.
- Serrano, P. (2016). A Integração Sensorial: no desenvolvimento e aprendizagem da criança. *Lisboa: Papa-Letras*.
- Reis J. C.; Santos P. S.; Barata M. F. O.; Falcão I.V. (2018). Abordagem da Terapia Ocupacional a bebês com microcefalia: uma experiência do estágio curricular/An occupational therapy approach to babies with microcephaly: an experiment in curricular internship. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO*, 2(1), 212-227.
- Schoen, S. A., Miller, L. J., Camarata, S., & Valdez, A. (2019). Use of the STAR PROCESS for children with sensory processing challenges. *The Open Journal of Occupational Therapy*, 7(4), 1-17.
- Shimizu, V. T. (2011). Perfil das habilidades do processamento sensorial em crianças com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), (Dissertação - Mestrado Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos).
- Silva, T. V. dos S., Santos, K. M. R. dos, Ferreira, T. L. dos S., & Andrade, F. B. de. (2019). AVALIAÇÃO DO ATRIBUTO DERIVADO ORIENTAÇÃO FAMILIAR NA SAÚDE DA CRIANÇA. *Revista Ciência Plural*, 5(2), 1-15.
- Souza, J. S., & Knobel, K. A. B. (2019). Guia ilustrado de orientações a cuidadores de crianças com deficiências neuromotoras. *ConScientiae Saúde*, 18(1), 8-17.
- Souza, R. F., & Nunes, D. R. P. (2019). Transtornos do processamento sensorial no autismo: algumas considerações. *Revista Educação Especial*, 32, 1-17.
- Souza, V. R. B. (2020). A atuação do terapeuta ocupacional com base na Teoria da Integração Sensorial na assistência de crianças com Transtorno do Espectro

Autista (TEA) durante a pandemia do Covid-19. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO*, 4(3), 371-379.

Spira, G. (2021). A sensory intervention to improve sleep behaviours and sensory processing behaviours of children with sensory processing disorders. *Irish Journal of Occupational Therapy*, 49(1), 11-20.

Stitik, J. (2019). *Evaluation and treatment of feeding challenges in pediatric populations using the OT feeding outcome tool* (Doctoral dissertation, Boston University).

APÊNDICE

Apêndice 1 - Roteiro para Entrevista semi estruturada I Parte - Dados de caracterização dos participantes.

SOBRE O ENTREVISTADO(A)

Idade: _____ Sexo: () F () M

Cidade: _____ Tempo de atuação na profissão

- O entrevistado tem direito de não responder às questões ou não participar da pesquisa a qualquer momento, sem penalidade por parte das pesquisadoras.

II Parte – Questões norteadoras

1. Qual o objetivo das orientações de Terapia Ocupacional?

2. Em sua perspectiva, qual a importância de dar orientações terapêuticas ocupacionais aos cuidadores de crianças com dificuldades no processamento sensorial?

2.1. Como as orientações auxiliam as sessões de Terapia Ocupacional

2.2. Como as orientações auxiliam a rotina familiar

3. Como fazer orientação terapêutica ocupacional?

3.1. pensando no contexto familiar/como influencia

3.2. Como se preparar

3.3. Como repassar

3.4. Que pontos são importantes ser destacados

4. Como normalmente são as orientações gerais para os contextos, voltados para crianças com dificuldades no processamento sensorial?

4.1. Alimentação

4.2. Atividades de Vida Diária

4.3. Brincar e Lazer

4.4. Educação

4.5. Descanso e sono

5. Quais os maiores problemas encontrados por você, advindo da rotina de cuidadores de crianças com dificuldades no processamento sensorial?

5.1. O que os cuidadores trazem de maiores dificuldades

5.2. O que mais prejudica os cuidadores realizarem as orientações da Terapia Ocupacional